

PoANCESTRAL

MUITO ALÉM DE 250



ATEMPA



CPHIS

Coletivo das Professoras e
Professores de História da
Rede Municipal de Ensino
de Porto Alegre

POANCESTRAL

MUITO ALÉM DE 250

ORGANIZADORES:

Marco Mello

Roselena Colombo

Claudia Aristimunha

Melina Perussatto

Inês Vicentini

Coletivo de Professoras e Professores de História
da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (CPHIS)

Associação de Trabalhadores em Educação do
Município de Porto Alegre (ATEMPA)

PORTO ALEGRE, RS
2022



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P739 PoAncestral: muito além de 250 / organização de Marco Mello, Roselena Colombo, Claudia Aristimunha ... [et al.] - Porto Alegre: ATEMPA; CPHIS, 2022.
163 p. : il.

ISBN: 978-65-996311-3-9

1. Porto Alegre (RS). 2. Ancestralidade. 3. Memória social. 5. Comunidade quilombola. 6. Povos indígenas. 7. Ensino de história. I. Mello, Marco. II. Colombo, Roselena. III. Aristimunha, Claudia. IV. Perussatto, Melina. V. Vicentini, Inês. II. Título.

CDU – 981.651
930(816.51)

Elaborada pela Biblioteca Central da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Esta publicação é de acesso livre e é permitida sua reprodução, em parte ou no todo, sem alteração de conteúdo, desde que citada a fonte e sem fins comerciais



POANCESTRAL - MUITO ALÉM DE 250

Allan Alves Britto

Astrofísico baiano, homem negro, escritor, bacharel em física (UEFS), mestre e doutor em ciências (USP), com estágios de pós-doutorado no Chile e na Austrália. Professor Adjunto no Instituto de Física e coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos, ambos da UFRGS.

O livro *PoAncestral – muito além de 250* é uma crônica sobre Porto Alegre. Um manifesto coletivo pautado na ancestralidade, pois, tal qual o pássaro mítico Sankofa da cultura Adinkra, a história contada no livro *voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás, carregando no seu bico um ovo, o futuro, o ovo que é símbolo da vida*. De forma crítica, reflexiva e sensível, e sem perder o encantamento, o livro *PoAncestral* materializa-se em ferramenta política, cultural, didática e pedagógica de divulgação de ciências, pois tece escritas, oralituras e escrevivências sobre os *muito além dos 250 anos de Porto Alegre*, contrapondo-se de forma corajosa às narrativas cosmo-fóbicas.

Por meio da palavra — axé ancestral — o livro é um dos mais significativos presentes para a cidade de Porto Alegre neste seu aniversário simbólico celebrado em 2022. Livro necessário para estes tempos brutos em que, de um lado, a necropolítica se exacerba e, do outro, ganhamos consciência coletiva sobre a necessidade de repensarmos as vias de opressão que colonizam o pensamento e naturalizam processos sociais, culturais e políticos de silenciamento, extermínio e folclorização. Em conjunto, esses elementos desconsideram a história dos povos originários, bem como as lutas das pessoas negras afrodescendentes, das/os trabalhadoras/es e de todos os moradores periféricos da cidade de Porto Alegre.

Enquanto os dados históricos e as narrativas hegemônicas dão conta de que a capital gaúcha foi fundada no século 18 (1772) por portugueses açorianos enviados ao sul do Brasil pelo então rei de Portugal, com o intuito de contribuir com o povoamento da região, o livro reafirma, sem medo e com compromisso ético, que Porto Alegre é uma griô, uma mais

velha ancestral que tece e conta histórias para além de 250 anos. É preciso, portanto, que cada um e cada uma empreste ou doe os seus ouvidos e os seus corações para escutar e sentir essas histórias libertadoras. Histórias ancestrais que acompanham os 13,8 bilhões de anos do Universo e acalentam a vida que passa a ser potencialmente possível nos 4,5 bilhões de anos da Terra. Histórias que dão forma a estes territórios urbanos que hoje denominamos “Porto Alegre”, enraizados em um tecido natural de 800 milhões de anos, começando não apenas pelas rochas mais antigas, pela geomorfologia, hidrografia, fauna e flora. Começando, principalmente, pelos mundos visíveis e invisíveis dos povos originários que viveram nestes territórios muito antes que os invasores europeus aqui chegassem com suas *fumaças patogênicas*.

Em cada uma das palavras, o axé de fala circunscrito no livro nos convida a rememorar os jeitos de ser e de viver de quilombolas, indígenas e da população de rua; a nos deixar afetar pela luta incansável das pessoas negras, LGBTQIA+ e das mulheres, mortas por serem quem são; a nos instigar à desconstrução da segregação étnico-racial arquitetônica e cartográfica da cidade de Porto Alegre; a redimensionar os mais de 12 mil anos de ocupação indígena que, em pleno século 21, meio à luta pela vida, retomam os seus territórios. O livro ainda nos faz passear pelos caminhos violentos da *dita-dura* que não apenas aprofundaram nossas desigualdades, mas tentaram sangrar as nossas liberdades, que são chamados ancestrais. O livro, por ele mesmo, pavimenta a importância da terra e dos territórios, corpos-pensamentos e cosmopolíticos dos povos originários e tradicionais que compõem a matriz epistêmica

e cultural da nossa cidade; e, por fim, poderemos encontrar o convite provocador e ao mesmo tempo perturbador de coletivamente imaginarmos outra Porto Alegre, renovando as utopias meio às distopias dos 250 anos. Fica então a pergunta: ousaremos querer uma outra cidade que, em seu encantamento ancestral, reafirma os compromissos de liberdade e de equidade todos os dias por meio do seu belo pôr do sol, protagonizado por uma estrela que seguirá semeando vida por mais 5 bilhões de anos?

A partir da chave conceitual *ancestralidade*, o livro *PoAncestral – muito além de 250* nos convoca à desintoxicação dos pensamentos e ao enfrentamento da colonialidade do saber, que estão atrelados ao racismo epistêmico, ao historicídio e ao epistemicídio. Por meio das ancestralidades negras e dos povos originários, o livro desafia todas as pessoas a recuperarem a história da cidade de Porto Alegre para que, em um movimento de transformação e de deslocamento para o outro, sintam-se finalmente parte desse projeto, responsáveis no presente-passado pela construção de um futuro outro.

O livro enseja que os festejos de 26 de março de 2022 nos devolvam identidade histórica, cultural e psicológica – o que somente poderá ser atingido a partir da ancestralidade enquanto categoria de relação, ou seja, reconhecendo que, até aqui, a nossa história foi marcada pelos privilégios de minorias em espaços de poder meio a opressão de maiorias silenciadas. A ancestralidade corporificada em cada história contida no livro também nos sugere novos caminhos de interpretação e produção material e simbólica de realidades a partir da proposição de novos modelos e formas de *con-viver* e de *bem-viver*. E, nesse sentido, é impossível não reconhecer e reverenciar os que vieram antes; não valorizar os nossos antepassados que vivem em comunhão com esse território no qual hoje habitamos e que insiste em ser tão cruel com as suas matrizes contra-hegemônicas. As lutas e as formas de re(existir) dos nossos antepassados estão

também *en-cantadas* na resiliência das estrelas do céu de Porto Alegre, que insistimos em apagar, em diminuir o seu brilho lentamente, fingindo que não estão lá fora, todas as noites, a brilhar pelas histórias nelas plasmadas dos povos Guarani, Kaingang, Xokleng, Charrua, os povos negros em diáspora, entre outros, que re(existem) e nos reeducam.

Como a cidade de Porto Alegre, por vezes denominada de Capital Informal do Mercosul — *nosotros, gaúchos!* —, segue reafirmando cotidianamente sua matriz europeia, o livro *PoAncestral* nos brinda assim com outras formas de experimentarmos a ancestralidade como lugar de pertencimento e expressão, em que as africanidades e as amefricanidades potencializam a humanidade que a colonialidade do ser insiste em nos roubar. Nesses movimentos, a ancestralidade, conforme nos aponta Eduardo Oliveira, faz-se presente pela estética, pedagogia, alteridade, revolta, fuga para a organização política, retomada, reexistência e pela rua como uma encruzilhada epistêmica. Ética e liberdade, dois preceitos dos caminhos ancestrais, constroem assim uma ontologia da diferença em espaços-tempos e em corpos-territórios que apontam futuros cheios de poesia concreta.

O *livro-manifesto* ressalta a vocação ancestral de Porto Alegre de ser *cidade-árvore*. As mesmas árvores que, segundo nos ensina Paulina Chiziane e os povos da terra, carregam em si as três dimensões da ancestralidade: as raízes são a terra que nos conectam ao passado; os troncos e as sombras das árvores nos direcionam para o presente, para o nosso dia a dia e para as questões contemporâneas da sociedade; e, as folhas, são tecnologias do futuro. Passado, presente e futuro em uma dança cósmica, cujos compassos são ancestrais.

O *livro-manifesto* é uma carta de amor a Porto Alegre, que nos conclama a não termos medo de assumirmos o nosso compromisso ético pelo desmantelamento do racismo estrutural, institucional e epistêmico em todas as suas faces e estratégias de extermínio.